

FEMINISMO MATRICÊNTRICO: UM DEBATE CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.

Nayara Augusto Felizardo (Professora - SEED/Aluna especial do PPH-UEM),
e-mail: nayara.felizardo@escola.pr.gov.br

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: A ideia de continuidade de um passado faz acreditar na potência da história como um instrumento de apropriação e entendimento da vida contemporânea. Ao olhar a mulher em todos os tempos históricos, percebemos que a violência contra as mulheres é fruto de uma construção envolvendo relações de valores morais, econômicos, culturais, institucionais e estruturais, formando a cultura do patriarcado e utilizando a maternidade como um dos maiores fatores para os variados tipos de violências. Desse modo, o presente estudo tem como finalidade explicar que gerar filhos e realizar a função materna são fatores determinantes para as coerções ao longo da história colhidas no tempo presente. Através de uma pesquisa bibliográfica, historiográfica e jornalística, busca-se entender a violência contra a mulher através da história da maternidade, concluindo que o discurso biológico, juntamente com a suposta necessidade de proteção, afetos, suprimentos, geraram brutalidades e foram motivos para a mais antiga divisão sexual do trabalho, ou seja, para que a maternidade se tornasse uma função social, gerando em contrapartida, lutas feministas por direitos humanos para as mulheres ao longo dos séculos, sendo o feminismo matricêntrico, um poder de atuação para as mães reivindicarem seus direitos e resignificarem suas vivências, sem perderem o reconhecimento da opressão patriarcal, como por exemplo as leis e políticas públicas para as mulheres, que conseqüentemente beneficiaram as mulheres mães, e aquelas específicas para as mães nos governos brasileiros do presidente Luiz Inácio da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016).

Palavras-chave: Feminismo matricêntrico. Violência contra mulheres. Cultura do patriarcado.

Introdução

Ao nascer, um bebê necessita de calor, alimento e proteção, tais cuidados são desde a pré-história responsabilizados a genitora e mãe, fazendo da maternidade uma função social com determinismos biológicos e psicológicos sagrados. Todavia, outros cuidadores podem oferecer esses benefícios básicos ao bebê, através de cobertores, leites e todos os serviços de sobrevivência sem gerar prejuízos de nutrição ao seu crescimento. Mas, de

fato, essa alternativa não aconteceu por um longo período da história, e sobre as mulheres estiveram a função milenar de gerar e nutrir, construindo crenças, valores e deveres entre os quais, o de que toda mulher deveria engravidar, ter filhos e amamentar, para que os grupos sociais perdurassem. A capacidade de gerar e amamentar sempre foi, portanto, alvo de consciência das gerações históricas, porém, essa consciência não foi suficiente para garantir direitos para as mulheres em sociedades civilizadas ao longo do tempo. Ao contrário disso, a maternidade gerou nos meninos a associação da mulher como sinônimo de amor infinito e fraqueza, repudiando expressões de sentimentos e aproximarem-se as atividades de força, ação e virilidade, enquanto as meninas, conseqüentemente, adotavam e aprendiam a função maternal já ao nascer, aprendendo a serem zelosas, com competências dos cuidados com a casa, em que o trabalho de criar filhos se tornou uma atividade funcional, satisfatória tanto para as mulheres quanto para os homens, gerando uma subordinação das mulheres e raízes fixas para o patriarcado. A exploração, as violências, os abusos e a limitação da liberdade vinda da capacidade reprodutiva da mulher, são os resultados claros da diferença de gênero conquistada pelos homens. Desse modo, este estudo tem por objetivo geral apresentar a história da maternidade que gerou o feminismo matricêntrico, e o conceito deste feminismo, no qual a capacidade biológica de reprodução é, entre outros fatores, fundamental para a superioridade e violência masculina. E tem como objetivo específico apresentar os resultados do feminismo matricêntrico no Brasil, como as leis e políticas públicas para mulheres mães nos governos do presidente Luiz Inácio da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). É fato que apesar de muitas conquistas de direitos por parte das mulheres ao longo da história, o patriarcado ainda existe na sociedade contemporânea.

Trazendo fatores das rupturas histórico-culturais, este trabalho mostra fatos da maternidade na pré-história, na antiguidade, na baixa idade média, a maternidade diante do cristianismo, na baixa idade média, na industrialização, da mulher proletária e da mulher burguesa, das mulheres letradas, a maternidade no pós guerra, o pensamento sobre o aborto, a ascensão do feminismo, e por fim, o conceito e a importância do feminismo matricêntrico no

tempo presente, no qual alguns conceitos são apresentados pela autora Andrea O'Reilly, como maternagem, maternidade patriarcal, e matricentrismo, onde este último oportuniza a luta específica para a mulher mãe.

Materiais e métodos

Fatos essenciais são considerados neste trabalho e serão expostos através de uma pesquisa historiográfica, bibliográfica, jornalística e filosófica, na qual o tempo presente é entendido através do estudo de processos históricos que se tornaram culturais, conjunturais e estruturais, como a própria dominação patriarcal, que detém a opressão masculina por milênios utilizando-se de leis, instituições familiares, religiosas, políticas, escolares e de relações de trabalho. Pesquisas quantitativas comprovam que os índices são altíssimos tanto em violências sexuais, físicas, domésticas e psicológicas, levando a busca pelo entendimento da história da maternidade como fonte das respostas de tais brutalidades atuais. Simone de Beauvoir (1949), Michelle Perrot (2007), Gerda Lerner (2019) e Elizabeth Badinter (1985) e Andrea O'Reilly (2016), são algumas autoras presentes neste estudo, elas trazem o trajeto da história da maternidade até se chegar o tempo presente, onde o feminismo matricêntrico, traz a importância da luta feminista voltada para a mulher mãe, rumo a construção de políticas públicas e efetivação de leis para a maternidade, buscando a desconstrução diária tanto da grande estrutura patriarcal como das masculinidades opressoras, frutos da cultura de apagamento da mulher mãe.

Resultados e Discussão

O olhar mais apurado para quebrar o paradigma patriarcal de violência a mulher mãe, depende de quatro pontos essenciais: o entendimento da história da maternidade, a reflexão sobre o papel da mulher cobrada a ser mãe diante das sociedades na história, a análise sobre a construção do patriarcado e o papel do feminismo matricêntrico como boa nova nas ondas feministas. Assim, os objetivos desse trabalho são, além de compreender o patriarcado como cultura arraigada e opressora na história, apresentar o feminismo como luta política a favor da liberdade das mulheres, expondo o feminismo matricêntrico

como uma fonte de independência e autonomia, voltada para as necessidades específicas das mulheres mães, pois a maternidade tem uma história própria, importante a ser considerada na produção de conhecimentos e de políticas públicas no tempo presente, especificamente apresentadas de forma potencial nos governos brasileiros do Partido dos Trabalhadores (2003-2016), pois como diz Simone de Beauvoir: “A igualdade só se poderá ser restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo sexo feminino na atividade pública.” (Beauvoir, 1949, pg. 75).

Considerações finais.

Saber que a mulher mãe foi o pilar das sociedades na história gera a necessidade de constância, em lutas por mudanças na mentalidade das sociedades, através de políticas públicas e leis, onde haja respeito a condição de ser mãe. Houve a árdua ruptura das narrativas patriarcais onde a maternidade era natural, biológica e obrigatória, pois atualmente a mulher pode escolher ou não ser mãe, e quando escolhem ser, podem estudar, estar no mercado de trabalho e ter tempo para se dedicar aos filhos, independentemente de cobranças, mas a culpabilização diante disso, infelizmente, existe. Os números comprovam que o androcentrismo ainda é presente, pois a partir do momento que a mulher se torna mãe e ama seus filhos, ou simplesmente escolhe não ser mãe, não é o funcionamento do sistema social da sociedade que é afetado como em tempos passados, mas a construção opressora e determinista do gênero masculino é desconstruída ou no mínimo ameaçada, gerando violências. Logo, a relação de poder de um sexo sobre o outro utilizando a maternidade, é intimidada a partir de uma escolha da mulher. Neste estudo, as mulheres mães encontram a conscientização de suas dores e da cultura opressora do patriarcado, que utiliza a maternidade como culpabilização da mulher gerando as coerções ao decorrer da história. A partir desse momento, um novo olhar, de força e superação, é colocado sobre as violências, através do movimento feminista matricêntrico, onde encontram sua âncora para sair do aniquilamento que a maternidade as causou na história. É através dele que a mulher consegue

exalar sua vontade de divisão de funções com o pai, marido e companheiro, tanto diante da maternidade, quanto das atividades da casa, quebrando definitivamente o arranjo de gênero diante do trabalho triplo da mulher. É também através deste feminismo, que a mulher mãe pode lutar por direitos e leis ao seu favor, como acontece no Brasil nos anos de 2003 a 2016, onde o poder de fala das mulheres mães atinge sua maior potência na história brasileira, através de leis como a Lei Maria da Penha, Lei da pausa no trabalho para lactação, ampliação da licença maternidade, cadastros sociais em nome das chefes de família, licença maternidade para mães adotivas, projeto Brasil carinhoso, entre outros. Portanto, a pesquisa sobre a história da maternidade assume uma grande importância política e social, para a quebra da estrutura histórico patriarcal, podendo assim, cada mulher, exercer sua maternidade como individualmente desejar, numa constante luta por apoios as mulheres mães.

Agradecimentos

Agradeço a Sophia Felizardo Bana, que me fez mãe.

As gerações de mulheres de minha família, que me inspiram com suas histórias de vida.

Ao Prof. Dr. Roger Domenech Colacios (PPH-UEM), pela disponibilidade de orientação do meu objeto de estudo.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O Mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

O'REILLY, Andrea. **Feminismo matricêntrico**: teoria, ativismo e prática. Canadá. 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado**. 1 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.